

PRAÇA DA LIBERDADE | CONFERÊNCIAS DE GAIA - NOVOS CAMINHOS PARA O EMPREGO

"Para uma parte importante dos empresários portugueses, pagar um salário de 700 euros é uma coisa do outro mundo, mas toda a gente quer ter um trabalho decente"

Carlos Silva
Secretário-Geral da UGT



"Somos muito heterogéneos e temos um conjunto de atividades nas nossas empresas que não podem ser transpostas para teletrabalho, sobretudo indústria pura e dura"

Rafael Campos Pereira
Comissão Executiva da CIP



"Perante uma crise desta dimensão, de paralisação da atividade económica, temos valores que são dramáticos e há pessoas e famílias a passarem momentos muito maus"

Ricardo Paes Mamede
Economista



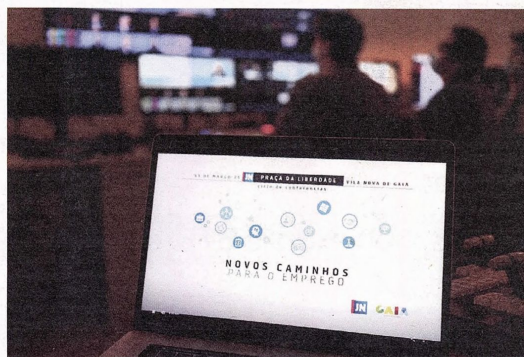
Trabalho à distância e digitalização preocupam funcionários e empresas

Novas formas de emprego requerem regulamentação e alteração de paradigmas

Duarte Pernes
localis@jn.pt

EMPREGO O teletrabalho e a predominância, cada vez maior, da vertente digital na vida profissional das pessoas são algumas das linhas que deverão marcar o mercado laboral a curto e médio prazo. Porém, esta nova realidade, que antes já ganhava forma mas que a pandemia veio acelerar, levanta também uma série de novos desafios e problemas para trabalhadores e empresas. Esta é, pelo menos, a visão consensual dos oradores que participaram, ontem, no webinar "Novos caminhos para o emprego", organizado pelo JN em parceria com a Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia.

Rafael Campos Pereira, membro da Comissão Exe-



Discussão sobre direitos nos novos modelos de emprego dominaram debate

cutiva da Confederação Empresarial de Portugal, alertou precisamente para o facto de o país não se encontrar ainda preparado para uma cultura que privilegie o teletrabalho: "Já havia uma tendência de digitalização das empresas e a pandemia veio acentuar isto, mas Portugal não está a dar resposta a estas necessidades. Não estamos a apre-

char-nos de forma correta para responder ao grande desafio da digitalização, e isso tem muito a ver com o trabalho feito à distância. Não estamos a mudar os paradigmas dos postos de trabalho das nossas empresas". Também Ricardo Paes Mamede, economista, mostrou-se cético em relação à questão do estabelecimen-

to do teletrabalho e considerou ser necessária a criação de mecanismos que protejam os trabalhadores que operem neste regime: "Sabemos o potencial do teletrabalho, mas também existem riscos que remetem para uma necessidade de regulação. Muitas pessoas estão a pagar do seu bolso o trabalho que fazem em casa, ao terem custos de luz, água ou Internet. O Estado

português poupou centenas de milhões de euros, em despesas correntes, com funcionários públicos em casa e isto passa-se também no privado".

AMBIÇÕES FRUSTRADAS Por outro lado, Carlos Silva, secretário-geral da União Geral dos Trabalhadores (UGT), chamou a atenção para as ambições dos mais jovens, que, no seu entender, acabam por ser muitas vezes frustradas: "As gerações de hoje buscam a qualidade de vida e o bem-estar. Para isso, procuram acima de tudo um emprego com direitos e um salário que permita que as suas satisfações venham ao encontro do que ganham e Portugal continua a ser um país de baixos salários".

O líder da UGT não deixou ainda de colocar ênfase na necessidade de dotar o interior do país de condições que consigam atrair mais a mão de obra jovem e qualificada para as regiões que o compõem. "Muitos desempregados qualificados que estavam em setores como o turismo, não querem ir

para a zona do interior porque não há habitação, nem condições macroeconómicas ou até microeconómicas".

POTENCIAL BURNOUT

Por fim, Cristina Valente, psicóloga e autora do livro "Geração Z", salientou a importância que a saúde mental deverá ter numa geração dinâmica e tecnologicamente evoluída, mas, ao mesmo tempo, muito sobrecarregada.

"Uma das características desta Geração Z é que tem um grande potencial para o burnout (exaustão física, mental ou emocional causada por desgaste profissional). Vamos ter de alterar completamente o paradigma da escola e do que é uma liderança em contexto de trabalho. Esta escola não é feita para estes miúdos, e eles têm de ser preparados para um mercado de trabalho com especificidades diferentes". Por isso, segundo esta psicóloga, "será necessário dar uma grande atenção à saúde emocional, porque sem isso também não há saúde física". ●

Jornal Notícias

/ Especial

16-03-2021

Periodicidade: **Diário**

Classe: **Informação Geral**

Âmbito: **Nacional**

Pagina(s): **18,19**

“A Geração Z é muito difícil de caracterizar, mas temos de entender as suas necessidades e conhecer as suas expectativas, esse deve ser o objetivo das áreas corporativas”

Cristina Valente
Psicóloga



“O teletrabalho é um modelo que veio para ficar e temos já um conjunto de empresas internacionais a anunciar que o irão manter enquanto regime normal de trabalho”

Inês Cardoso
Diretora do “Jornal de Notícias”



“Os municípios têm de se adaptar a novas competências para as quais não estavam - e não tenho a certeza que venham a estar rapidamente - tão preparados como as empresas”

Eduardo Vítor Rodrigues
Presidente da Câmara de Vila Nova de Gaia





Elisa Ferreira alerta para a necessidade de apostar em vários setores económicos

Proibido desperdiçar pessoal qualificado

Comissária europeia lembra que os jovens e as mulheres são os mais afetados pelas consequências da pandemia

MERCADO A comissária europeia para a Coesão e Reformas, Elisa Ferreira, participou no encerramento da conferência sobre os “Novos caminhos para o emprego”, tendo frisado a importância de privilegiar as mulheres e os jovens em termos de acesso ao emprego, já que são também estes os mais penalizados pela situação atual.

“Em toda a Europa, é preciso aumentar a participação no mercado de trabalho das mulheres e dos jovens, que foram os elementos mais

afetados pela crise. As mulheres, então, têm sido particularmente afetadas por causa das exigências do teletrabalho, em simultâneo com o cuidado das crianças, porque a nossa sociedade não partilha totalmente os encargos e as tarefas em casa”, assinalou a comissária. Elisa Ferreira considerou, igualmente, ser preponderante apostar nas capacidades dos profissionais qualificados. “Temos de maximizar o potencial económico que reside em todos os trabalhadores. O desemprego

permanece muito elevado e não podemos dar-nos ao luxo de deixar pessoas com potencial a serem desperdiçadas”.

Para a comissária europeia, é ainda impreterível “diversificar os setores económicos e não assentar o crescimento apenas num único vetor. Houve surtos de entusiasmo com o têxtil ou com o turismo, mas falta mais do resto”. Para tal, garantiu Elisa Ferreira, “é necessário utilizar e desenvolver o potencial de todas as regiões e cidades”.



mil portugueses estavam inscritos nos centros de emprego, em fevereiro deste ano, só no continente. Eram 397 mil, em janeiro



milhões de pessoas e mais de 115 mil empresas foram cobertas pelo regime de lay-off criado pelo Governo português



mil euros por português foi quanto a Comissão Europeia disponibilizou em apoios, por causa da pandemia



mil enfermeiros foram, segundo Carlos Silva, recrutados pelo Estado no último ano. Muitos poderão não ver renovados os contratos